

Reescrevendo a história do cavalo

Do milenário oriente às novas paragens americanas, entre o épico e o dramático, o cavalo é companheiro inseparável do homem.

Evaristo E. de Miranda *

“O cavalo é a mais nobre conquista do homem.” A frase é do naturalista francês do século XVIII, Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon. As teorias de Buffon influenciaram gerações de naturalistas, entre os quais Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin. Agora, a frase tornou-se definitiva. A ciência acaba de provar: não existe mais cavalo selvagem na Terra. Tudo que cavalga foi domesticado pelo homem. Se ama cavalos, leia este artigo. Se não, também. Noblesse oblige.

Um estudo internacional conduzido por geneticistas e arqueólogos, publicado em fevereiro/2018 na Nature, alterou conhecimentos sobre equídeos. Os míticos e ameaçados cavalos de Przewalski, são protegidos em reservas naturais de Mongólia. Descritos pela primeira vez em 1879 existem apenas 2.000 cavalos de Przewalski nas estepes. Até agora, esses pequenos cavalos eram preservados como os últimos representantes de cavalos selvagens. Deles descenderiam os domesticados.

O estudo, realizado com a participação de 14 países, indica que o cavalo mongol deixou a vida selvagem há 5.500 anos. Os estudos genômicos são conclusivos: o cavalo de Przewalski descende diretamente do cavalo de Boltai, descoberto no Cazaquistão, tido como o primeiro equino domesticado. Após três anos de trabalho, 47 cientistas mostraram: o cavalo de Przewalski resulta de animais domesticados que retor-

naram à vida selvagem, há milhares de anos. Mesmo assim, os cavalos de Przewalski merecem ser preservados. Eles representam os mais próximos descendentes dos primeiros cavalos domésticos.

Algo parecido ocorreu, recentemente, com os mustangues dos EUA. Esses cavalos assilvestrados descendem de animais levados à América por exploradores espanhóis e portugueses no século XVI. Na ausência de predadores, proliferaram nas planícies dos EUA. Eram dois milhões no século XX. Foram reduzidos pela caça a cerca de 300.000. E hoje têm o estatuto de espécie protegida.

O mesmo ocorreu com o cavalo lavradeiro de Roraima. Levados por portugueses escaparam e multiplicaram-se livremente nos campos do lavrado nos últimos 250 anos. Hoje, são conservados em núcleos de criação pela Embrapa. Para os pesquisadores, o lavradeiro de Roraima sofreu um processo natural de seleção. Genes desfavoráveis no ambiente (clima equatorial, alimentação de baixo valor nutritivo, isolamento geográfico e genético) foram eliminados. Apenas os animais adaptados sobreviveram. Os lavradores são pequenos (1,40 m), com alto índice de fertilidade, velozes (podem correr por 30 minutos a 60 km/h), resistentes ao trabalho árduo e tolerantes a doenças e parasitas.

A origem do cavalo tornou-se mais complexa após esse estudo. O sítio de Boltai data do Neolítico e foi

descoberto em 1980 com milhares de esqueletos de equinos, estruturas de criação, bridões e até resíduos de leite de éguas em antigas ânforas. O local era tido como o berço do cavalo doméstico. O estudo do genoma de 88 indivíduos antigos e contemporâneos mostrou que os cavalos domésticos não descendem do animal cazaque, hoje desaparecido. Os atuais cavalos domésticos têm apenas 2,7% de genes de Boltai. Enquanto os cavalos de Przewalski descendem deles diretamente.

Os cavalos domésticos, árabes, PSI ou percherons, estão órfãos. De quem descendem então? As pesquisas apontam para novos sítios arqueológicos a oeste dos montes Urais, ao lado dos rios Volga e Dom. E mais a oeste ainda para o sítio arqueológico de Dereivka na Ucrânia, de 4.500 a.C. e para outros locais ao redor do mar Cáspio, Anatólia, Romênia e Hungria. Há muita pesquisa ainda até se ter clareza sobre a sua verdadeira origem.

Para o professor de arqueologia molecular da Universidade de Copenhague, Ludovic Orlando, o cavalo fez a história da humanidade. De Alexandre o Grande a Gengis Khan, ele portou conquistas e ritmou batalhas. E permitiu disseminar genes, línguas, culturas e doenças. Sua domesticação constituiu um instante fundamental. O que se descobriu com essa pesquisa sobre a origem do cavalo é um pouco como se percebêssemos que o homem não surgiu na África.



* o autor é doutor em ecologia, engenheiro agrônomo, chefe geral da Embrapa Territorial e membro do Conselho Editorial da Agro DBO